

## O PODER DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL<sup>1</sup>

### THE POWER OF THE MEDIEVAL IMAGINARY

Johnni Langer<sup>2</sup>

Apesar de sua extrema importância, dentre todos os temas relativos ao medieval, existem muito poucos estudos acadêmicos sobre o imaginário medieval.<sup>3</sup> O lançamento do livro *Heróis e maravilhas da Idade Média*, de Jacques Le Goff, vem em parte, compensar esta lacuna, escrito por um dos grandes medievalistas mundiais e pioneiro na investigação deste assunto, em especial desde os anos 1970.

A obra é organizada no estudo de vinte temas, concentrados em seres, personagens e localidades fantásticas, destacando itens específicos da Europa continental e surgidos na Idade Média Central, sendo apenas um advindo de outra região, a Escandinávia. O autor não se preocupou somente em estudar os mitos em seu contexto original, por meio das fontes literárias e iconográficas, ou a recepção deles nas várias sociedades e tempos no medieval, mas também na permanência destes mitos para o imaginário do Ocidente contemporâneo, por meio da análise de filmes, quadrinhos e cultura de massa.

Talvez dentre todos os mitos criados pelo medieval, os relacionados aos heróis foram os que perduraram com mais intensidade e com maior fascínio pelas diversas manifestações artísticas durante a História. Dentre todos, certamente o rei Artur ocupa a posição suprema. O nascimento desse personagem é misterioso, tendo a sua mãe Igera deitado com um homem metamorfoseado em seu marido. Mescla de uma origem celta com diversas formas literárias nacionalistas, Artur suscitou a criação de muitos outros personagens, localidades e objetos, como Camelot e o Graal. Evoca tanto valores cristãos quanto feudais, um rei sagrado e civilizador. Contudo, Artur é também um pecador e é traído. Sucesso não somente na literatura medieval, Artur teve uma grande longevidade no teatro, ópera, ganhando um impulso especial no movimento pré-rafaelita do Oitocentos, até chegar ao cinema. Símbolo de uma identidade heróica nacional contra os invasores, Artur passa a ecoar situações da geopolítica atual em produções fílmicas recentes, demonstrando a vitalidade do mito medieval.

<sup>1</sup> Jacques Le Goff. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, 331p.

<sup>2</sup> Pós-Doutor em História Medieval pela USP e professor da UFMA. Coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Escandinavos (<http://groups.google.com.br/group/scandia>) e membro do Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos ([www.brathair.com](http://www.brathair.com)). Endereço de e-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

<sup>3</sup> “Fato em certa medida compreensível, diante das dificuldades teóricas que apresenta, vindas tanto do presente do estudioso como do passado estudado (FRANCO JR. 2010, p. 21).

Outro herói constantemente atualizado pelo imaginário é Robin Hood, que assim como o rei Artur, foi baseado em um personagem histórico do qual se tem poucos dados. Representando o rebelde justiceiro, confinado na floresta, tem um inimigo que encarna o poder político e social, o xerife de Nottingham: “encontra-se a meio caminho entre a justiça e a rapina, direito e ilegalidade, revolta e favor, a floresta e o corte” (LE GOFF, 2009, p.251). É uma personagem ambígua, que se opõe ao cavaleiro nobre, socorrendo os desarmados. Todavia, é com o imaginário romântico que muitas das suas características serão exaltadas, tornando-se um herói nacional ao combater os saxões. E, com a chegada do cinema, transforma-se um dos heróis favoritos do gênero de aventura, idealizado por várias classes e por várias idades.

As personagens femininas, obviamente, tem também papel destacado no livro. Ao explorar vários temas (Tristão e Isolda, Papisa Joana, Valquíria, Melusina), Le Goff descortina como o imaginário medieval concebia o amor, a mulher e seus paradoxos: como pecadora, ou, redentora. O amor é o grande tema literário a partir do século XII, principalmente nas cortes, apresentando outra perspectiva tanto da mulher quanto do sentimento amoroso. Ao tratar de mulheres consideradas excepcionais por sua audácia em desafiar os padrões de comportamento, vamos encontrar nas narrativas revelações das atitudes femininas. Especificamente no caso de Isolda, encontramos uma descrição que contraria a ética cortesã: a dama não insere o seu eleito no mundo palaciano, mas vai amá-lo loucamente na floresta, longe das regras do amor cortês. O mito de Isolda vai influenciar a poesia e o teatro medieval, renascentista, romântico, até o cinema de Truffaut, enfim, uma narrativa medieval que encanta os olhos contemporâneos, apresentando o amor como um sentimento capaz de quebrar qualquer regra, e a mulher pecadora, que se transmuta em redentora.

Ainda inserida no contexto da literatura cortesã, temos a figura da Melusina, mulher meio serpente que presenteia o seu amado com riquezas, prole numerosa e poder. Contudo, há um preço: o seu amado não pode observá-la no banho ou então, no sábado. Como todo interstício, esse também é quebrado e o marido vê a esposa transmutada em monstro. No decorrer do texto, encontramos referências à subversão de Melusina com imagens diabólicas, pois a sua riqueza só pode ter origem maléfica. Le Goff explica que esta personagem pode ser interpretada como uma metáfora, a de que cavaleiros são os ícones do avanço da sociedade ocidental, mas para isso conservam um pacto diabólico. A Melusina representa para a sociedade medieval o mais profundo e sombrio medo masculino: a mulher.

Com essa aura misógena, se a mulher é a fonte do mal, a virgem surge como a única figura capaz de capturar uma besta que representa Jesus Cristo, o unicórnio. O autor procura demonstrar como esse animal foi capaz de

colocar a mulher em um lugar de destaque, pois somente as virgens podem caçá-lo. Le Goff desfecha sua análise, evocando o conjunto de tapeçarias “A dama e o unicórnio”, maravilhas artísticas que perpassam até hoje o imaginário, ressurgindo na literatura, música, artes plásticas, quadrinhos, desenhos animados e *video-clips*.

Pelo menos dois temas retratados dizem respeito à arquitetura medieval. A catedral, cujo prestígio foi estabelecido pelas suas dimensões gigantescas, mas também pela grandiosidade interior, exprime a sensibilidade e a espiritualidade dos tempos medievais. Em especial, é com o estilo gótico que as catedrais atingem seu momento de magnificência: “triunfo da altura, triunfo também da luz, valorizando os grandes espaços internos, e expansão das torres e campanários, evidenciando o primado do plano superior sobre o inferior” (LE GOFF, 2009, p.55). Com o romantismo, as catedrais se tornaram um dos grandes mitos simbólicos e monumentais, como por exemplo, no romance de Vitor Hugo, *Notre-Dame de Paris*. Ela encarna a história, o nacionalismo e o espírito democrático, como na frase de Rodin: “a catedral é a síntese do país, toda a nossa França está nas catedrais” (LE GOFF, 2009, p.66).

Todavia, nenhuma estrutura arquitetônica encarna tanto o medievo quanto o castelo, surgido no século X, como fortaleza habitada, constituindo a unidade do conjunto espacial de habitação estabelecido pelo feudalismo. Verdadeiro poder simbólico dos senhores feudais em um espaço geográfico, o castelo impõe-se como imagem inconsciente da força e do poder. Apesar de mais comuns no mundo rural, também castelos urbanos foram exemplos prestigiosos de residência com objetivos militares. Com o tempo, o castelo passa a ser o cenário da civilização cortesã, a chamada “vida de castelo”, que além das funções de poder e defesa, passa a satisfazer costumes, cultura e opulência. Com a banalização das armas de fogo e a crise do feudalismo, o castelo passa a ser abandonado, mas ele é ressuscitado pelo romantismo. Passa a ser símbolo do nostálgico, da ruína, da sensação de melancolia, sendo, porém, também associado ao grande passado das nações, uma verdadeira metáfora de uma glória a ser reconstituída. No mundo contemporâneo, a imagem do castelo medieval permanece viva graças à sensibilidade das crianças, sendo objeto de exercícios e desenhos em sala de aula, além de centenas de animações, programas e espetáculos de televisão.

Alguns mitos medievais possuem uma herança direta do imaginário celta e germânico. Um deles, a Cocanha, é uma terra imaginária e utópica, onde os prazeres da carne são livres. Comidas, bebidas, impulsos sexuais, tudo é liberado e de graça. De um lado, a Cocanha encarna as inversões dos papéis e delimitações sociais, mas de outro, simboliza a sobrevivência de elementos da cultura popular anterior ao cristianismo – as tradições pagãs. Com o tempo, o tema perde sua concepção original e passa a integrar o

folguedo de festas e anedotas, um divertimento de quermesse. Outro mito, de origem claramente germânica, é o bando de Hellequin. Segundo algumas fontes, testemunhas teriam relatado o avistamento de fantasmas em precisão durante uma noite no início do ano: gigantes, coveiros, mulheres luxuriosas e cavaleiros negros. Segundo Le Goff, o bando de Hellequin é uma crítica para a sociedade feudal, além de ser uma imagem assustadora dos pecados humanos e de uma lembrança para se evitar as torturas do inferno. Também poderia constituir um mito sobre a vagabundagem de espectros em um mundo onde não havia ainda um lugar específico para eles – o purgatório foi criado somente no século XIII.

O autor manifesta um grande domínio de fontes, bibliografia e crítica especializada referente aos temas do medievo europeu continental. Contudo, no único mito escandinavo tratado, as valquírias, surgem alguns problemas. Estas personagens são virgens, que a serviço de Odin, carregam os guerreiros mortos no campo de batalha para o Valhalla, o paraíso nórdico após a morte.<sup>4</sup> O famoso medievalista cometeu alguns equívocos neste estudo: a morte do herói Sigurd por Gutthorn, enquanto dormia em sua cama (LE GOFF, 2009, p.289), ocorre na *Saga dos Völsungos* e não na *Canção dos Nibelungos* – nesta, o herói foi morto em uma floresta por Hagen. Outro erro é considerar que o crepúsculo dos deuses da tradição germano-escandinava foi influenciado pelo ciclo arturiano do século XIII (LE GOFF, 2009, p.290). Na realidade, corresponde a fontes orais muito mais antigas, reunidas na imagem do Ragnarök, e presentes no final da Era Viking, no século X (LINDOW, 2001, p.254). Outro ponto questionável no livro de Jacques Le Goff é considerar a Escandinávia como uma região fora do eixo europeu: “Heróina imaginária, a Valquíria figura aqui porque encarna a presença capital, ao lado do imaginário céltico, do imaginário escandinavo e germânico no medieval, legado ao europeu” (LE GOFF, 2009, p.288). Em outra obra, o autor também insiste na visão de que a região nórdica não pertence à civilização europeia: “A conversão ao cristianismo oferece possibilidades de acesso a uma cultura superior [...] Mas os países escandinavos permanecem arcaicos e marginais na Europa” (LE GOFF, 2007, p.135), ao contrário da Irlanda, ilha britânica da Europa Setentrional que foi centro irradiador da tradição monástica: “A Irlanda está na Europa” (LE GOFF, 2007, p. 135). Dentro de uma tradição medievalista tipicamente francesa, o autor pensa a Escandinávia – especialmente a da Era Viking - como região marginal da Europa, visto que neste período era pagã e fora das relações político-culturais do feudalismo. Nem mesmo a cristianização dessa região conseguiu elevá-la ao nível da “civilização continental”, onde Paris seria o seu centro irradiador. Contudo, Le Goff esquece que durante a Alta Idade Média, ao lado do

---

<sup>4</sup> Para uma análise detalhada do mito das valquírias para o imaginário escandinavo, consultar Langer, 2009, p. 59-78.

mundo bizantino e islâmico, a Escandinávia foi o grande centro comercial e econômico de um mundo ocidental fragmentado, arruinado e vivendo as sequelas do colapso romano (LOGAN, 2005, p.254-258). Portanto, o mundo nórdico deve ser pensado como integrante da dinâmica histórica e social tanto da Europa quanto do medievo. E o conceito de civilização, enquanto superior ou inferior, é também bastante questionável, assim como sua dicotomia, o conceito de barbárie, especialmente se aplicados ao mundo antigo e medieval.<sup>5</sup>

O livro *Heróis e maravilhas da Idade Média* é altamente recomendado não somente para todos aqueles que estudam e tem interesse pelo medievo, mas também para todos que tem fascínio pelo imaginário contemporâneo e suas imbricações na cultura de massa, demonstrando que o conceito de Longa Duração proposto por Jacques Le Goff está mais vivo do que nunca.

## Referências

CAMPOS, Luciana de & LANGER, Johnni. A história antiga e medieval nos livros didáticos: uma avaliação geral. **História e-História**, 2007. Disponível em: <http://www.historiachistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&cid=43>

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Os três dedos de Adão**: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Editora da USP, 2010.

LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis**: ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Editora da UNB, 2009.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LINDOW, John. Ragnarök (judgment-of the-powers). **Norse mythology**: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LOGAN, F. Donald. **The Vikings in History**. London: Routledge, 2005, p. 1-2

*Artigo recebido em 30/08/2010 e aceito para publicação em 27/09/2010*

<sup>5</sup> Para uma discussão sobre os conceitos de barbárie e civilização na Antiguidade e Medievo, consultar: Campos & Langer, 2007.